

O DINHEIRO E O TERRITÓRIO*

MILTON SANTOS
Universidade de São Paulo

A Geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o Território. O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar.

O que eu trago aqui é um ensaio. É muito mais um ensaio de método que algo terminado. Aliás, para que um professor dirigir-se a quem quer que seja com coisas já prontas? Uma aula é sempre um conjunto de questões, e não propriamente de respostas. A aula que quer ser uma resposta é algo quase desnecessário. A aula tem que ser um conjunto de perguntas as quais incompletamente o professor formula, e as quais os ouvintes tomam como um guia tanto para aceitar, como para, depois de aceitar, discutir e, mesmo, recusar.

A indagação que estou fazendo aqui é a respeito desses dois pólos da vida contemporânea: o dinheiro, que tudo busca desmanchar, e o território, que mostra que há coisas que não se podem desmanchar.

Território e dinheiro: definições

A primeira coisa a fazer é definir o que a gente pretende conversar. Se não o faço, também não permito que as pessoas discutam comigo. A primeira condição para

* Este texto resulta da transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999, proferida em 15/3, e foi revisto pelo Autor, guardando, todavia, um estilo verbal.

aqueles que partem de uma ideologia – que é o meu caso —, é oferecer claramente os termos do debate que desejam. Se não o proclamo, fujo à discussão, evito-a, impeço que debatam comigo. Há que definir por conseguinte essas duas palavras: o território e o dinheiro.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. Aliás, a própria idéia de nação, e depois a idéia de Estado Nacional, decorrem dessa relação tornada profunda, porque um faz o outro, à maneira daquela célebre frase de Winston Churchill: “primeiro fazemos nossas casas, depois nossas casas nos fazem”. Assim é o território que ajuda a fabricar a nação, para que a nação depois o afeiçoe.

O dinheiro aparece em decorrência de uma vida econômica tornada complexa, quando o simples escambo já não basta, e ao longo do tempo acaba se impondo como um equivalente geral de todas as coisas que existem e são, ou serão, ou poderão ser, objeto de comércio. Desse modo, o dinheiro pretende ser a medida do valor que é, desse modo, atribuído ao trabalho e aos seus resultados.

Metamorfoses do dinheiro e do território

Façamos um passeio rápido a partir do que chamaríamos, para facilidade da exposição, de começo da história dos dois, isto é, do dinheiro e do território.

Num primeiro momento há um dinheiro local, expressivo de contextos geográficos limitados e de um horizonte comercial limitado. Era o tempo de um mundo cuja compartimentação produzia alvéolos que seriam quase auto-contidos. Um mundo sem movimento, um mundo lento, estável, aquelas mônadas de Leibniz, mônadas numerosas, mas ao contrário das de Leibniz, sem princípio geral. Era um dinheiro com circulação apenas local, ou quase. Nesse primeiro momento, o funcionamento do território deve muito às suas feições naturais, às quais os homens e suas obras se adaptam com pequena mediação técnica, porque então as técnicas eram de alguma forma herdeiras da natureza circundante, ou um prolongamento do corpo. Elas eram ao mesmo tempo o resultado desse afeiçoamento do corpo à natureza, e desse comando da natureza sobre a história possível, de tal maneira que a tecnicidade a partir dos objetos fabricados além do corpo era limitada.

As relações sociais presentes eram pouco numerosas, e eram também relações simples e pouco densas. Se o entorno mostrava mistérios na sua existência, não eram eles devidos, como hoje, à produção da história, mas às forças naturais, e for-

ças naturais desconhecidas, ao contrário de hoje quando de alguma forma conhecemos o funcionamento da natureza. Então, nesse tempo a vida material de algum modo se impunha sobre o resto da vida social, e o valor de cada pedaço de chão lhe era atribuído pelo próprio uso desse pedaço de chão. A existência podia ser interpretada a partir de relações que eram ressentidas diretamente, ou como se fossem diretas.

Nesse período da história, o território assim delineado rege o dinheiro; o território era usado por uma sociedade localizada, assim como o dinheiro.

Da razão do uso à razão da troca

Essas categorias se metamorfoseiam ao longo do tempo. Com a ampliação das trocas, a amplificação do comércio, com a interdependência crescente entre sociedades, com a produção de um número maior de objetos e de um número maior de valores a trocar, vem a complexificação do dinheiro, com o alargamento do seu uso e da sua eficácia. Para garantia de estabilidade das trocas e da produção de cada grupo, aparece a necessidade da regulação e o dinheiro começa sua trajetória como informação e como regulador.

Cresce, expande-se e se identifica, não apenas o comércio internacional mas também o comércio interno. Tudo tende a se tornar objeto de troca, valorizado cada vez mais pela troca do que mesmo pelo uso. O papel que a troca começa a ganhar é uma enorme mudança na história dos lugares e do mundo, deslocando da primazia o papel do uso, e até mesmo comandando o uso, ao revés do comando anterior da troca pelo uso. Isso é fundamental tanto para entender as mudanças que o mundo conhece, como para produzir toda a possibilidade de interpretação do que existe como se fosse um resultado de relações mecânicas imediatas entre o grupo e o seu entorno, entre o homem e o que ainda se chamaria a natureza.

O dinheiro aparece como uma arena de movimentos cada vez mais numerosos, fundados sob uma lei do valor que tanto deve ao caráter da produção escolhida como às possibilidades da circulação. A circulação ganha sobre a produção o comando da explicação, porque ganha sobre a produção o comando da vida. E essa lei se estende aos lugares, quanto maior a complexidade das relações externas e internas, mais necessidades de regulação, e se levanta a necessidade de Estado: o Estado e os limites, o Estado e a produção, o Estado e a distribuição, o Estado e a garantia do trabalho, o Estado e a garantia da solidariedade e o Estado e a busca da excelência na existência.

Cria-se o Estado territorial, o território nacional, o Estado nacional, que passam a reger o dinheiro. O que há nesta fase são dinheiros nacionais internacionalizados. É evidente que o dinheiro nacional sofre modulações internacionais. Ele é parcialmente um respondente interno das modulações internacionais. Mais profundamente a partir da presença forte do Estado, esse dinheiro é representativo das relações

então profundas entre Estado territorial, território nacional, Estado nacional, nação. Era um dinheiro relativamente domesticado, o que era feito dentro dos territórios.

O dinheiro e o território da globalização

Chega o dinheiro da globalização. Este fim de século permitiu a instalação das técnicas da informação, que são técnicas que ligam todas as outras técnicas, que permitem que as mais diversas técnicas se comuniquem. Essas técnicas da informação que, afinal, a partir do planeta, produzem um mundo (e é por isso que se fala de globalização), e que nos levam à ilusão da velocidade, como matriz de tudo, como necessidade indispensável e que certamente criam uma fluidez potencial transformada nessa fluidez efetiva a serviço de capitais globalizados, de tal modo que o dinheiro aparece como fluido dos fluidos, o elemento que imprime velocidade aos outros elementos da história. No entanto, se o dinheiro que comanda é dinheiro global, o território ainda resiste. Basta refazermos mentalmente o mapa do dinheiro no Brasil e nele encontraremos um lugar onde há todas as modalidades possíveis de dinheiro (São Paulo), e outro onde a única modalidade de dinheiro possível é o dinheiro-moeda (um ponto isolado no estado mais pobre). Em outras palavras, o território também pode ser definido nas suas desigualdades a partir da idéia de que a existência do dinheiro no território não se dá da mesma forma. Há zonas de condensação e zonas de rarefação do dinheiro. Todavia, o comando da atividade financeira está ali onde os dinheiros todos podem estar presentes: São Paulo. Mas, sobretudo, o comando se dá a partir do dinheiro global. Esse dinheiro fluido, que é também invisível, um dinheiro tornado praticamente abstrato, um dinheiro global e um dinheiro despótico.

Nunca na história do homem houve um tirano tão duro, tão implacável quanto esse dinheiro global. É esse dinheiro global fluido, invisível, abstrato, mas também despótico, que tem um papel na produção atual da história, impondo caminhos às nações. O equivalente geral torna-se afinal o equivalente realmente universal. Mas esse dinheiro não é sustentado por operações da ordem da infra-estrutura. É um dinheiro sustentado por um sistema ideológico. Esse dinheiro global é o equivalente geral dele próprio. E por isso ele funciona de forma autônoma e a partir de normas. Produzindo uma falsificação do critério, esse dinheiro autonomizado e em estado puro não existiria assim, se as condições técnicas utilizadas pelas condições políticas que dominam o período histórico não contassem com a possibilidade de enviesar a informação.

O papel do sistema ideológico

Nossa era se caracteriza sobretudo por essas ditaduras: a ditadura da informação e a ditadura do dinheiro, e a ditadura do dinheiro não seria possível sem a ditadura

da informação. O dinheiro em estado puro nutre-se da informação impura, tornada possível quando imaginávamos que ela seria cristalina. Curiosamente, este formidável sistema ideológico acaba por ter um papel na produção da materialidade e na conformação da existência das pessoas.

A ideologia, como nunca aconteceu, passa a mostrar-se como aquela metafísica suscetível de aparecer como uma empiria. Há 25 anos atrás, empolgava-nos a assimilação da diferença entre o veraz e o não verdadeiro, entre a aparência e a existência, entre o ideológico e o real. Hoje a ideologia se tornou realidade, o que complica nossa tarefa de análise, porque se impõe à produção da história concreta dos homens a partir de um discurso único perfeitamente elaborado, e que se torna acreditável a partir do bombardeio das mídias, mas também a partir da chancela da Universidade. É desse modo que as lógicas do dinheiro se impõem ao resto da vida social. Assim, o dinheiro cria sua lei e a impõe aos outros, forçando mimetismos, adaptações, rendições, a partir de duas outras lógicas complementares: a das empresas e a dos governos mundiais.

A lógica do dinheiro das empresas é a lógica da competitividade, que faz com que cada empresa tornada global busque aumentar a sua esfera de influência e de ação, para poder crescer. Os últimos anos são emblemáticos porque são o teatro das grandes fusões tanto no domínio da produção material como no da produção de informação. Essas fusões reduzem o número de atores globais e, ao mesmo tempo a partir da noção de competitividade, conduzem as empresas a disputarem o menor espaço, a menor fatia do mercado.

Então quando, cavaleiros andantes, saem os ministros para esmolar no Norte o que eles chamam de “compreensão” das empresas, é como se não soubessem que essas empresas globais necessitam dos mercados, por mais mínimos que sejam, porque a perda do menor grama de atividade inflete o poder de uma em benefício da outra. Todos os mercados, por menores que sejam, são fundamentais – isso também é globalização. Desse modo, por menor que seja um lugar, por mais insignificante que pareça, no mundo da competitividade este lugar é fundamental porque as empresas globais dependem de pequenas contribuições para que possam manter o seu poder. Esse poder que é cego, porque não olha ao redor. Esse poder que se preocupa com objetivos precisos, individualistas, egoísticos, pragmáticos é um poder cego, já que não olha ao redor. Mas escolhe lugares aqui e ali, hoje e amanhã, em função das respostas que imaginam poder ter, e desertam esses lugares quando descobrem que já não podem oferecer tais respostas.

Ora, essas lógicas individuais necessitam de uma inteligência geral, e essa inteligência geral não pode ser confiada aos Estados porque estes podem decidir atender aos reclames das populações. Então são esses governos globais, representados pelo Fundo Monetário Internacional, pelo Banco Mundial, pelos bancos internacionais regionais, como o BID, pelo consenso de Washington, pelas Universidades centrais produtoras de idéias de globalização e pelas Universidades subalternas que aceitam reproduzi-las.

Nesse mundo de enganos, a chamada contabilidade dos países aparece como um dado central. Mas essa contabilidade nacional é, no fundo, um nome fantasia para a contabilidade global que escolhe, entre as categorias utilizadas, aquelas que privilegiam os interesses de um certo tipo de agente, e excluem todas as categorias de outra índole. E essa contabilidade global se funda em parâmetros inspirados nas próprias finanças globais, num mundo no qual não é mais o capital como um todo que rege os territórios, mas uma parte dele, isto é, o dinheiro em estado puro.

Antes o território continha o dinheiro, que era em parte regulado pelo dinheiro, pelo território usado. Hoje, sob a influência do dinheiro, o conteúdo do território escapa a toda regulação interna, trazendo aos agentes um sentimento de instabilidade, essa produção sistemática de medo, que é um dos produtos da globalização perversa dentro da qual vivemos, esse medo que paralisa, esse medo que convoca a apoiar aquilo em que não cremos apenas pelo receio de perder ainda mais.

Permitam-me aqui fazer um parêntesis. A associação que este fim de século permitiu entre a ciência e a técnica, a técnica e o mercado, esse tecno-mercado no qual vivemos e essa tecno-ciência que nos arrasta e desgraçadamente também está arrastando as ciências humanas, é que reduz o escopo do trabalho acadêmico e afasta-nos, à vezes, da busca da verdade. Devemos preocupar-nos com os destinos que possa tomar a Universidade, sobretudo quando condena a crítica de fora mas também não faz a sua própria crítica.

Voltando ao tema central, dizíamos que antes o território continha o dinheiro, regulado pelo território usado, enquanto hoje o conteúdo do território escapa a toda regulação interna. É o problema do Brasil atual. Essa briga entre governadores, essa zanga de alguns prefeitos mais audíveis, interpela o trabalho dos geógrafos e dos cientistas políticos, conjuntamente. Porque uma ciência política que não se funde no funcionamento e na dinâmica do território pode, dificilmente, oferecer uma contribuição empírica à solução dos problemas nacionais. O conteúdo do território mudou, fundamentalmente, com a globalização, seja o conteúdo demográfico, o econômico, o fiscal, o financeiro, o político. O conteúdo de cada fração do território muda rapidamente. Essa instabilidade e nervosismo atuais do território são a representação empírica do nervosismo, da nervosidade, da impaciência e do vulcanismo da nação.

Ditadura do dinheiro e desregulação do território nacional

Nesta fase da vida nacional, esse papel extraordinário da ditadura do dinheiro em estado puro acaba de mostrar-nos, definitivamente, a dificuldade de regulação interna e também de regulação externa, já que cada empresa tem interesses que somente se exercem a partir da desregulação dos outros, ajuda a organizar a empresa em questão e desorganiza tudo o mais. Em outras palavras, a presença das empresas globais no território é um fator de desorganização, de desagregação, já

que elas impõem cegamente uma multidão de nexos que são do interesse próprio, enquanto ao resto do ambiente nexos que refletem as suas necessidades individualistas, particularistas. Por isso, o território brasileiro se tornou ingovernável. E como o território é o lugar de todos os homens, de todas as empresas e de todas as instituições, o país também se tornou ingovernável, como nação, como estado e como município.

Em última análise é esse o resultado da influência do dinheiro em estado puro sobre o território. A finança tornada internacional como norma contraria as estruturas vigentes e impõe outras. E quando tem uma existência autônoma, isto é, não necessita consultar a ninguém para se instalar, ela funciona a despeito dos outros atores, e acarreta para o lugar uma existência sem autonomia. Há, certamente, anteparos a essa ação do dinheiro em estado puro, maneiras de reorganizar o território, como a Europa da Comunidade Européia. E um outro dado que resiste a essa ação cega do dinheiro é a cidadania. No caso do Brasil isso é grave, porque o fato de que jamais tivemos cidadãos, faz com que a fluidez dessas forças de desorganização se estabeleça com a rapidez com que se instala.

Essa série de idéias extremamente elementares, descosidas, pretensiosamente despretensiosas, é um convite a um trabalho maior de pesquisa, que nos permita produzir um discurso. A Universidade está aí para isso, pois ela é o lugar da produção desse discurso que resulta da análise.

O DINHEIRO E O TERRITÓRIO

Resumo: Território e dinheiro se correlacionam. Primeiro, o território rege o dinheiro. Após, e progressivamente, a relação se inverte, o dinheiro rege o território. A troca é a mediação histórica da relação e da inversão. Por intermédio da troca, o dinheiro, e então o território, se faz informação e regulação. Com a criação do Estado territorial (o Estado nacional), o dinheiro vira dinheiro nacional e se internacionaliza. Até que vira dinheiro global, o fluido dos fluidos, o tirano despótico e cruel sustentado na velocidade da circulação e na técnica informacional dos dias de hoje.

Palavras-chave: Dinheiro, Território, Período Técnico-Científico Informacional

MONEY AND TERRITORY

Summary: Territory and money are correlated. First, territory rules money. Afterwards and progressively, this relation is reversed, money rules territory. Exchange constitutes the historical mediation of the relation and the reversion. By means of exchange, money and then territory become information and regulation. Money becomes national money and it is internationalized when the territorial (national) State is created. Finally, it becomes global money, the flux of the fluxes, the despotic and cruel tyrain sustained in the velocity of circulation and in the today's informational technique.

Keywords: Money, Territory, Technical-Scientifical and Informational Period.